

ARTE CONTEMPORÂNEA, UM EXERCÍCIO DE CRIATIVIDADE

Mônica de Oliveira Chagas Gomes Ribeiro, chagas.monica@ig.com.br

Professora orientadora: Ms. Ana Cândida Magalhães

RESUMO: A proposta deste trabalho é estimular o estudo e a investigação da Arte Contemporânea, entender seus mecanismos e apresentá-la como uma possibilidade nova e diferente para o ensino de artes nas escolas. Inspirado no trabalho da artista plástica dinamarquesa Anna Marie Holm, discute também o papel do arte-educador na construção do conhecimento e sua contribuição na formação de um indivíduo criativo, crítico, atuante, ciente do seu papel e do seu espaço na sociedade. Foram pesquisados textos e autores que discutem temas como arte contemporânea, prática educativa, ensino das artes, construção do conhecimento e processos criativos, estabelecendo uma ligação entre suas principais idéias a fim de evidenciar a necessidade de um ensino de artes que promova, de fato, construção de conhecimento de forma concreta. Autores como Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Rubem Alves, Fernando Cocchiaralle, Fayga Ostrower e José Ortega Y Gasset, entre outros, embasam as opiniões registradas neste artigo.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Criatividade. Construção. Conhecimento.

ABSTRACT: *The proposal of this work is to stimulate the study and the investigation of the Contemporary Art, to understand its mechanism and present it as a new and different possibility for the teaching of arts at schools. Inspired in the work of the Danish plastic artist Anna Marie Holm, it also discuss the hole of the art educator in the forming of knowledge and its contribution on the formation of a creative, critic, active individual, aware of its hole and space in society. Texts and authors that discuss them as Contemporary Art, educative practices, art teaching, building of knowledge and creative process have been searched, setting a connection between its mains ideas, wanting to show the need of an art teaching which promotes, in fact, building of a knowledge in concrete way. Authors as Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Rubem Alves, Fernando Cocchiaralle, Fayga Ostrower and José Ortega Y Gasset, among others, inspire the opinions registered in this article.*

Keywords: Contemporary Art. Creativity. Building. Knowledge

INTRODUÇÃO

Este artigo discute o ensino da arte contemporânea nas escolas como uma possibilidade de estímulo ao processo criativo do educando, uma vez que prioriza a reflexão e a discussão de temas do nosso cotidiano. Preocupados que somos em encontrar definições e explicações lógicas para aquilo que estamos vendo ou vivendo, buscamos sempre as soluções mais imediatas, de preferência o que já está pronto, caindo então no senso comum, sem nos preocuparmos em criar ou buscar novas soluções.

A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural, e serve de referência a tudo o que o indivíduo é. Mas para que aconteça o processo

de criação é necessário que haja uma necessidade real de se desenvolver algo novo, é necessário que sejamos desafiados. E aí está a principal função do arte-educador: criar condições e estimular a busca de soluções inovadoras para situações das mais diversas. Proporcionar a construção de um acervo cultural que permita ao educando elaborar as soluções que necessitar.

Numa época de possibilidades tão inesgotáveis, a função do arte-educador, além de muito importante, é privilegiada, não estamos só alfabetizando, ensinando letras e números. Estamos alfabetizando um espírito, um cidadão, um ser pensante que carrega a possibilidade de mudar o mundo. Devemos sempre insistir nos questionamentos, nas provocações, mas

sem exigir que o trabalho atenda a padrões estéticos que não são os nossos, na verdade nunca foram; pois a arte brasileira sempre foi influenciada pela arte européia, no início com a imposição dos conceitos trazidos pela Missão Artística Francesa, depois pelos artistas brasileiros que iam estudar no exterior, trazendo conceitos novos de outros povos. É tempo de mudar essa postura. “Não é fácil exagerar a influência que sobre o futuro da arte tem sempre o seu passado. Dentro do artista se produz sempre um choque ou uma reação química entre a sua sensibilidade original e a arte que já se fez” (GASSET, 1991, p.70).

O problema não está no tipo do trabalho que os arte-educadores vêm fazendo, mas na forma como vêm fazendo esse trabalho. Passar um ano inteirinho simplesmente com releituras, que por vezes não passam de cópias, da obra de Van Gogh, por exemplo, não somará nada ao final do ano letivo, mas trabalhar essas releituras enfatizando, por exemplo, a questão do isolamento do artista, trazendo para os nossos dias, falando das formas de isolamento atuais, como preconceito, discriminação, diferenças sociais, podem trazer mais e melhores resultados. Deixar fluir as idéias, sem cobranças ou compromissos com o lógico ou com o belo; em arte não existe feio ou bonito, existe sim técnica, pesquisa e sensibilidade. A escola, e também a grande maioria dos educadores, tem priorizado os processos racionais, a lógica, como herança do positivismo, em detrimento dos processos sensíveis tão necessários para a formação moral, intelectual e social de nossas crianças. Nós, arte-educadores estamos preparados para mudar essa situação.

Este estudo, cuja metodologia se baseia em estudo, análise e reflexão crítica sobre a realidade educacional de nossa época no que diz respeito ao ensino da Arte, foi feito através da pesquisa de textos e autores que tratam de assuntos como arte contemporânea, ensino da arte, construção do conhecimento e processos criativos. Tem a finalidade de aprofundar o estudo da importância da arte contemporânea, tomando como base as experiências de Anna Marie Holm, ao mesmo tempo em que discute o papel do arte-educador na construção do conhecimento, principalmente no ensino fundamental, época em que se inicia nossa formação escolar e onde são ampliadas nossas relações com o mundo, depois

da família. Nesse período começam a acontecer as grandes transformações e formação da personalidade do indivíduo, a arte tem importante papel transformador e libertador, pois, ao se expressarem livremente, as crianças e os jovens adquirem autoconfiança e se tornam mais responsáveis e cooperativos no relacionamento com os outros. Autores como Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Fernando Cocchiarale, Fayga Ostrower, Rubem Alves, entre outros, embasam as opiniões registradas neste artigo.

REVENDO AS RELEITURAS

Observemos a experiência de Maria, uma menina inteligente e muito esperta, como qualquer criança da sua idade (6 anos); não pode ver um papel que vai logo pegando para desenhar. Há alguns dias chegou da escola muito feliz comunicando aos pais que participaria de uma mostra de artes, a primeira da escola. Começaram os preparativos, todos estavam eufóricos, cada turma trabalharia um tema que seria escolhido pelo professor conforme o conteúdo que até então havia sido transmitido durante as aulas. A professora optou por “releituras” de obras de Tarsila do Amaral (a palavra releitura está entre aspas, pois neste caso tem um significado duvidoso e você leitor verá o porquê). A aula de educação artística que até então era uma vez por semana passou a ser diária, a diretora da escola estava tentando conseguir um espaço em um grande shopping da cidade para a exposição dos trabalhos depois da mostra de artes, então era preciso que os trabalhos ficassem bonitos para que fossem aceitos. O encanto de Maria foi diminuindo à medida que voltava das aulas e dizia que não estava conseguindo fazer o desenho da flor que compunha a tela de Tarsila. Até este momento a menina não sabia sequer o nome da obra. Essa situação foi se arrastando por dias até que a criança chegou em casa, profundamente frustrada, dizendo que a professora informou que os alunos que ainda não haviam conseguido fazer o desenho iriam ficar no dia seguinte sem a aula de educação física para que pudessem terminar os trabalhos. Com muito custo e esforço das crianças as telas ficaram prontas e foram expostas conforme o planejado.



Esta é uma situação real, apenas o nome da criança foi trocado para preservar sua identidade, e nos leva a refletir sobre o que temos estudado e, comparando com a situação atual, questionarmos: Qual a função da arte nas escolas? Num primeiro momento ninguém consegue ver esta matéria com o real significado, seriedade e profundidade que ela tem.

Ora, primeiramente: se era uma releitura, por que transformar a aula de educação artística dessas crianças em verdadeiro massacre? Onde está o incentivo à imaginação e à criatividade? Onde está a preocupação com a formação intelectual e a auto-estima do aluno? Será que a criança citada fez uma releitura? Que conteúdo Maria assimilou dessa experiência? Como o educador tem trabalhado as famosas releituras em nossas escolas?

“A nova arte educação levou os arte-educadores à necessidade de promover a leitura da obra de arte na sala de aula e a estimular os alunos a criarem seus próprios sistemas de significação para tais obras. Contudo, poucos professores se arriscam a levar os alunos a se confrontarem com uma obra abstrata ou conceitual. O figurativo impera nas escolas primárias e secundárias provavelmente porque facilita a análise através da narrativa, da recepção da obra de arte (BARBOSA, 1995, p. 13)”.

Conforme observado acima por Ana Mae Barbosa, é provável que o motivo pela opção, e até insistência dos professores com as releituras, seja a facilidade de análise da obra através da narrativa. “Reler significa ler outra vez” (FERREIRA, 2006, p. 695). Muitos artistas já fizeram releituras de obras de outros autores, dando a elas uma nova interpretação, um novo significado e criando assim algo completamente novo. Releituras envolvem críticas, podem ser feitas com um quadro, uma música, uma peça de teatro, um texto, uma poesia, uma escultura, entre outros. Não se trata de uma reprodução. A idéia original deve permanecer, mas a forma de interpretar essa idéia é que se modifica de uma pessoa para a outra. Afinal somos diferentes na maneira de pensar, agir e reagir. Isso é o que torna tudo mais interessante. Vejamos as

imagens abaixo, que ilustram uma releitura trabalhada pela artista plástica dinamarquesa Anna Marie Holm em seu ateliê.



Figura 1 – Floris Claesz van Dijk



Figura 2 – Giuseppe Archimboldo



Figura 3 – Naja, 6 anos

Aqui encontramos o verdadeiro sentido da palavra releitura, na verdade o que acontece aqui é uma reelaboração, termo que vem sendo usado nas escolas atualmente. Anna Marie descreve as etapas que levaram à execução dos trabalhos, que vão desde a pesquisa de textos e fotos em sessão de culinária de revistas femininas, discussão sobre o tipo de comida predileta das crianças, até a degustação de frutas e leituras de histórias. Não deixando, é claro, de apresentar também ilustrações de artistas como Archimboldo, que no ano de 1500 pintou retratos de pessoas, compondo os rostos com comida. Somente depois de toda essa construção de conhecimento é que o grupo parte para a produção dos trabalhos. “Todos começaram sem hesitação: frutas, hambúrgueres, pepinos, *hot dogs*, panquecas pintados de maneira fantástica. Em alguns lugares havia gliter e estrelas salpicadas sobre as pinturas. Incríveis pinturas” (HOLM, 2005, p. 124).

Novas experiências

Anna Marie Holm afirma que sua Oficina de Arte é a sala de aula mais feia da Dinamarca, mas é também onde as crianças produzem coisas maravilhosas. Para ela, motivo de preocupação é quando tudo está muito arrumado, pois sua teoria é que isso pode atrapalhar o processo criativo das crianças. Anna é uma artista contemporânea, logo, a maioria dos trabalhos é fruto dessa maneira de ver o mundo. Ela chama suas aulas de “desafios”, e esses desafios vêm, na maioria das vezes, do trabalho de artistas com quem ela convive, ou de obras que chamam sua atenção e que ela apresenta às crianças. Tudo é motivo de desafio e oportunidade de criação, um livro velho, uma xícara, uma roupa de brechó, placas de trânsito, tábuas, porque, em princípio, qualquer coisa pode ser material artístico. Em suas aulas, ela trabalha sem limite com as crianças. Propõe um tema, e a partir de uma discussão que é feita com o grupo os trabalhos são desenvolvidos. Cada um faz do seu jeito a partir de uma mesma idéia. As crianças são desafiadas a representar plasticamente cheiros e sensações, por exemplo.

“As crianças deveriam aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesmas e a ter coragem

de se pôr a trabalhar em coisas novas. As crianças não deveriam ser preparadas para um tipo determinado de vida; deveriam, sim, receber ilimitadas oportunidades de crescimento. Aprendendo que uma tarefa pode ter várias soluções, adquirimos força e coragem. As crianças adquirem isso na oficina de arte. Eu lhes apresento um desafio, que nunca tem uma resposta definida (HOLM, 2005, p.9)”.

É função do arte-educador ampliar os horizontes do estudo das artes, propor discussões, questionamentos e reflexões. O questionamento é a base da criatividade. Se não temos no que pensar, iremos inventar o quê? E para quê? O aluno/artista tem de ser provocado; nas reações virão as grandes obras.

“Todo o tempo precisamos estar preparados para o desconhecido, para as situações surpresa. Nelas reside a energia, os valores artísticos. Arte não é criada, necessariamente, num estúdio. A arte pode acontecer na rua, nas árvores, na penumbra, à beira-mar, no campo, num beliche. A arte precisa ser experimentada, vivida, numa perspectiva ampla. (...) Eu tenho observado a criatividade das crianças quando brincam com diferentes materiais, como elas constroem, desmontam, remontam, contemplando, pesquisando. Nós somos muito mais criativos do que pensamos que somos. Uma tarefa criativa brilhante é aquela que faz o aluno pensar para além dos limites dados, ou quebrar as fronteiras (HOLM, 2005, p. 166)”.



Figura 4 – Michael, 11 anos (Releitura de foto)

Arte Contemporânea

Falar sobre a arte contemporânea não é um trabalho simples, mas devemos investigá-la com o

objetivo de mostrar que arte não é só para os olhos, é para o cérebro também. Leonardo Da Vinci, em sua época, já afirmava que pintura é coisa mental, que sua arte não era uma coisa mecânica. Nos últimos cem anos, a liberdade criativa foi a maior conquista das linguagens da arte, que se desligaram por completo do academicismo. Importante é fazer neste momento uma pequena reflexão sobre o significado da palavra criatividade. Criar é formar algo novo, “o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só poderá crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando” (OSTROWER, 1978, p.10).

Este poder de criação está profundamente relacionado com o contexto social onde está inserido, a cultura serve de referência a tudo o que o indivíduo é, faz, elabora, comunica e expressa naturalmente. Exemplo disso foi a invenção da roda, o homem precisou criar algo que facilitasse o seu trabalho, o transporte de alimentos e caça, por exemplo. Criou, movido pela necessidade e motivado pela situação em que vivia. Impossível criar sem que haja necessidade. Inicialmente um processo intuitivo, a criatividade se torna consciente no momento em que é expressa, articulada principalmente na esfera da sensibilidade e inerente a todo ser humano. Destacamos aqui mais uma vez a importância do papel do elemento desencadeador dessa necessidade, no nosso estudo, o arte-educador. Rubem Alves ilustra essa importância da seguinte forma:

“O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas, havendo um jardim sem jardineiro, mais cedo ou mais tarde ele desaparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem (ALVES, 2004, p. 24, 25)”.

Voltemos a nossa discussão a respeito de arte contemporânea. Aos poucos, devido à necessidade de trilhar outros caminhos, a arte buscou novos conceitos de suporte e ; o que ocorre é que as pessoas temem

o que desconhecem e acham estranho fugir do senso comum. A principal característica da arte contemporânea é justamente essa, fugir do senso comum. É um tipo de arte cuja maior preocupação é interagir com o público. Nela não é importante o belo, o inteligível; não temos de entender, precisamos sentir a obra, a compreensão virá naturalmente com a aceitação da idéia que o artista está a propor. Acostumados que somos a aceitar apenas o que entendemos, procuramos nas obras de arte uma explicação verbal para o que estamos vendo, dessa forma acabamos descartando, e até repudiando, tudo aquilo que num primeiro momento não tem esse discurso.

“Quando alguém não gosta de uma obra de arte, porém a compreende, sente-se superior a ela e não há lugar para irritação. Mas, quando o desgosto que a obra causa nasce do fato de não tê-la entendido, o homem fica como que humilhado, com uma obscura consciência de sua inferioridade que precisa compensar mediante a indignada afirmação de si mesmo frente à obra (GASSET, 1991, p. 23)”.

Importante salientar neste momento que arte contemporânea não é um processo relacionado ao acaso existe pesquisa, estudo e reflexão. Voltemos ao exemplo de Anna Marie Holm, que, para ajudar no processo de construção das obras, discute com as crianças temas como arquitetura, cheiros, cores e alimentação.



Fig. 5 – Amalie e Stine, 7 anos



Fig. 6 – Combinados

Diferente da arte moderna, a arte contemporânea buscou um diálogo com quase todas as outras áreas, e até mesmo com a própria vida, carregando assim temas que não são da própria arte. Talvez por esse motivo seja tão amedrontadora, é abrangente demais



e muito próxima da realidade, característica que tende a facilitar o trabalho com as crianças, pois possibilita a inserção de temas do nosso cotidiano, tornando-se acessível e de mais fácil compreensão.

Para que entendamos a arte contemporânea, é necessário conhecermos dois momentos que a precederam. O primeiro é o Renascimento, no qual a arte se torna arte, ou melhor, aquilo que entendemos por arte. Uma arte da produção simbólica de objetos de culto, voltada para a religião e para o mito, concebida para ser, tão somente, contemplada. O segundo é a arte moderna, que rompe com a tradição renascentista, mas ainda pensa na arte como forma, voltada para a reflexão formal, cor, textura, espaço e linhas.

A arte contemporânea pode estar em vários lugares ao mesmo tempo e desempenhando funções diferentes, mas o principal disso tudo são os novos tipos de relação que ela nos faz estabelecer. Habitamo-nos a pensar que a arte é coisa muito diferente da vida, e realmente foi pensada assim durante a maior parte de sua história. A idéia de uma arte que se confunda com a vida é algo muito difícil de se assimilar, porque o nosso repertório de informações conservadoras não aceita. O mundo contemporâneo é cheio de possibilidades. Quando um artista contemporâneo faz uma instalação com materiais retirados do cotidiano como jornais, objetos (industrializados ou não), produtos orgânicos, entre outros, ele está dialogando com coisas muito importantes da vida.

As teorias a respeito de arte caducam, mas nenhuma obra de arte se torna obsoleta. Não acreditamos em deuses egípcios hoje em dia, mas isso não faz com que nossa admiração pela arte egípcia diminua. Uma leitura e uma interpretação sugerem significados que não podem ser fixados para sempre. Ao surgirem novos teóricos e novas teorias, mudam-se os enfoques e surgem novos olhares, acrescentam-se às obras novos significados. Diante do exposto, é inadmissível pensar em arte nas escolas como algo que não se modifica, que não sofre profundas transformações. É preciso que o arte-educador invista em ações que possam estimular reflexões. Um dos grandes problemas da arte-educação atual é que muitos professores, e conseqüentemente alunos, acreditam que o ensino da arte está restrito ao desenho e à pintura. Se o aluno desenha ou pinta bem, está

atendendo às expectativas. No início do século XIX, o desenho era o elemento principal do ensino artístico, e o esperado era que o aluno deixasse a escola primária sabendo desenhar tão bem quanto deveria saber escrever, que pudesse exprimir uma idéia através de linhas e sombras.

Passados mais de cem anos, infelizmente os arte-educadores ainda não perceberam que o desenho é apenas uma das áreas das artes visuais. Hoje, o que vemos frequentemente nas escolas são professores que continuam achando que aula de educação artística tem por objetivo desenhar e pintar desenhos que eles trazem prontos. Isso se deve ao despreparo total do professor. Como admitir uma aula de artes onde seja priorizada a produção dos alunos, sem cortes, sem censuras (principalmente quanto ao “belo”), se os próprios professores não conseguem se expressar dessa forma? Provavelmente eles também não viveram experiências de liberdade de produção artística. Temos ainda a agravante do dom – ainda se ouve por aí que artista nasce pronto –, mas não é bem assim, não podemos generalizar, não é justo negar àquele que não tem tanta habilidade com desenho ou pintura, por exemplo, a oportunidade de conhecer, praticar e se realizar nesse terreno tão fértil que é a arte.

“É preciso que o arte-educador tome consciência do seu real papel; arte é coisa séria. Arte é linguagem, e, portanto pode ser ensinada e aprendida; é criação, produção humana, e por esse motivo se torna orgânica, faz parte do Ser e da humanidade, não entra no Ser, está e sai dele. A arte está na origem, no primitivo. Diante disso, não seria muita pretensão da nossa parte achar que estamos ensinando artes? Se a arte está em cada Ser, cabe então a nós, arte-educadores, buscarmos os caminhos que nos levarão a este conhecimento artístico e primitivo que está em cada um. Para que isso aconteça, é necessário que esse profissional seja preparado para encarar e aceitar o que cada um tem para produzir, bonito ou feio, pois “toda obra de arte suscita divergências: a uns agrada, a outros não; a uns agrada menos, a outros mais” (GASSET, 1991, p. 22)”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhum educador deveria entrar em uma sala de aula com a arte pronta; bom mesmo seria deixar a arte acontecer. Professor engessado com teorias retrógradas e superadas não proporciona novas experiências e, pior ainda, também tem medo de experimentar coisas novas. Por esse motivo sempre chega com a resposta pronta, não permitindo que ela seja construída, vivenciada, aprendida e apreendida. Ignoram, assim, o potencial criativo dos educandos, deixando uma enorme lacuna nas fases principais do desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Existe uma necessidade imediata de inovação, pois passamos por muitas transformações ao longo da história, como guerras, surgimento da psicanálise, descobertas e invenções como fotografia, cinema, computador, entre outras. O que passou já foi, é preciso sim entender o papel dos artistas em épocas passadas, suas obras e a importância das mudanças que promoveram, mas é preciso também produzir algo novo, algo que vá manter a arte viva por muitos e muitos anos ainda. O mundo nunca mais será o mesmo, a cada minuto tudo se renova. Como esperar então que a arte fique estática? É necessário que as aulas de Educação Artística também se transformem. Poucos são os educadores que se arriscam nesse caminho, pois tal atitude requer estudo e muita humildade para aprender antes de ensinar, aprender até mesmo com os educandos, dividindo e construindo conhecimento, como nos ensina Freire (1996, p. 47):

“Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sempre aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que eu tenho – a de ensinar e não de transferir conhecimento”.

Artistas consagrados como Pablo Picasso, Joan Miró, Paul Klee, Marc Chagall viram nas criações infantis inspirações para as fases mais importantes de suas carreiras. Respeitemos também a produção e as necessidades de nossas crianças, evitando

planejamentos que “enchem” os olhos da direção – peças maravilhosas produzidas com a participação dos alunos, são exemplo disso –, carregados de discursos bonitos que não levam a nada nem questionam nada, além de não terem relação alguma com os objetivos da profissão que escolhemos. Somos educadores, temos de ter a dimensão da responsabilidade do arte-educador na sociedade atual; responsabilidade até mesmo com a formação moral, política e social do indivíduo. A arte é forma de expressão e comunicação, é forma de denúncia, contra a alienação do povo, é pensamento, é atitude. O ensino da arte deve garantir o acesso a conteúdos atuais e concretos ligados às realidades sociais e a todas as suas contradições. O educador não pode esquecer-se da função social que possui a arte, que é a de quebrar padrões já tão antigos e ultrapassados, tão comuns em alguns segmentos da educação escolar. É tarefa difícil, pois exige revisão de conceitos, postura política em relação à sua posição e contribuição para com a sociedade. Exige entrega, estudo e acima de tudo muito empenho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Entre a Ciência e a Sapiência – o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CHRISTOV, Luiza Helena da Silva; MATTOS, Simone A. Ribeiro; BOLOGNESI, Mario Fernando. *Arte Educação – experiências, questões e possibilidades*. São Paulo: Expressão e Arte, 2006.
- COCCHIARALE, Fernando. *Quem tem medo da arte contemporânea*. Pernambuco: Massangana, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASSET, José Ortega. *A desumanização da Arte*. São Paulo: Cortez, 1991.

HOLM, Anna Marie. *Fazer e Pensar Arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 2005.

MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília, 1997.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis: Vozes, 1978.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Som, Gesto, Forma e Cor: dimensões da arte e seu ensino*. Belo Horizonte: C/arte, 1995.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. *A Criança e o Artista*. Campinas: Papyrus, 1994.